https://dx.doi.org/10.35499/tl.v19i1.22788

A SEMIÓTICA DO AMANTE: UMA ANÁLISE ARQUETÍPICA DE YAMCHA DE DRAGON BALL Z

THIAGO BARBOSA SOARES (UFT)*
https://orcid.org/0000.0003.2887.1302

RESUMO

O presente artigo analisa a produção semiótica do amante na personagem Yamcha, de Dragon Ball Z (Toriyama, 1989). Para alcançar tal propositura, segue-se o traçado metodológico-heurístico da semiótica arquetípica desenvolvido por Soares (2020). Desse modo, recorre-se ao uso da conceituação junguiana de arquétipo que, por sua vez, possibilita a aplicação extensiva dos quatro pontos das necessidades básicas de constituição arquetípica (Mark; Pearson, 2003) sobre os quais assentam a análise cujo tensionamento é compreender a valência dos principais traços ligados à estrutura semiótica do inocente. Assim, em função da organização arquitetônica deste texto, três seções são subsequentemente desenvolvidas. Uma primeira, "A semiose (narrativa) do arquétipo de Yamcha", na qual se descreve e interpreta a disposição semiótica de Yamcha sob o funcionamento arquétipo do amante, consoante às quatro fases constituintes da narrativa (Platão; Fiorin, 1993). A segunda, "A semiótica das necessidades básicas no amante em Dragon Ball Z", na qual a relação entre os quatro pontos das necessidades básicas de constituição arquetípica demonstra a narratividade semiótica de Yamcha. Na última, "Considerações finais", nas quais há uma avaliação das possíveis contribuições oriundas do exame empreendido, constata-se, entre outros elementos, as particularidades da arquetipia em Yamcha que atualiza a compreensão do arquétipo do amante.

Palavras-chave: Semiótica arquetípica; Amante; Yamcha; Dragon Ball Z.

ABSTRACT

THE SEMIOTICS OF THE LOVER: AN ARCHETYPAL ANALYSIS OF YAMCHA FROM DRAGON BALL Z

This article aims to analyse the semiotic production of the lover in the character Yamcha from Dragon Ball Z (Toriyama, 1989). To achieve this, it follows the methodological-heuristic outline of archetypal semiotics develo-

* Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor adjunto no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Pesquisador bolsista de produtividade do CNPq. Lattes: http://lattes.cnpq.br/8919327601287308.
E-mail: thiago.soares@mail.uft.edu.br.

ped by Soares (2020). In this way, we use the Jungian concept of archetype which, in turn, makes it possible to extensively apply the four points of the basic needs of archetypal constitution (Mark; Pearson, 2003) on which the analysis is based, whose tension is to understand the valence of the main traits linked to the semiotic structure of the innocent. Thus, due to the architectural organisation of this text, three sections are subsequently developed. The first, «The (narrative) semiosis of Yamcha's archetype», describes and interprets Yamcha's semiotic disposition in the light of the archetypal functioning of the lover, according to the four constituent phases of the narrative (Platão; Fiorin, 1993). The second, «The semiotics of basic needs in the lover in Dragon Ball Z», in which the relationship between the four points of the basic needs of archetypal constitution demonstrates Yamcha's semiotic narrativity. The last section, «Final considerations», evaluates the possible contributions of the examination undertaken, including the particularities of the archetype in Yamcha, which updates the understanding of the archetype of the Dragon Ball Z lover.
Keywords: Archetypal semiotics; Lover; Yamcha; Dragon Ball Z.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Pesa-se sobre as diversas formas de amar ônus cujo pagamento pode não ser justo. Uma assertiva verificada ao sabor da empiria e refletida aos ventos diagnósticos das trocas comunicativas entre aqueles que ouvem, vivenciam e ruminam a prática. Entretanto, é na imersão social e, consequentemente, na experiência subjetiva que se pode descobrir como as dinâmicas amorosas configuram determinadas imagens arquetípicas, plasmadas em obras clássicas, músicas, filmes e séries, entre outros elementos semióticos constituintes da cultura humana. A figura do amante ou do enamorado compõe parte do imaginário coletivo no interior do qual um conjunto de comportamentos e suas implicações faz morada há muito tempo, provocando inúmeras narrativas, como é o caso do famoso baralho de Marselha[1].

No conjunto de cartas intitulado deck de Marselha, existe o enamorado, retratado abaixo do cupido, mirando-lhe uma flexa, e circundado por duas mulheres, uma a sua esquerda e outra a sua direita. Segundo Nichols (2007), "Pela primeira vez na série do tarô, a figura central não é pintada como um personagem mágico ou divino. Parece um ser humano comum, que enfrenta o mundo e seus dilemas com os pés solidamente plantados na realidade de todos os dias" (Nichols, 2007, p. 137). Ora, a expressão da efígie do enamorado, como a disposta no baralho de Marselha, que não é senão o amante, carrega em seu simbolismo uma carga amorosa duplicada, ao mesmo tempo que há um responsável aparente pelo enamoramento, o cupido. Ainda sobre o enamorado, Nichols (2007), pontuando a relação egoica do rapaz, afirma: "Podemos ver nesse moço a personificação do jovem e vigoroso ego, pronto para enfrentar a vida e seus problemas sem ajuda de ninguém. Não há aqui nenhuma figura de autoridade ao seu alcance para a qual possa apelar em busca de ajuda" (Nichols, 2007, p. 137).

1 Marselha, cidade francesa, empresta o nome ao baralho divinatório, pois foi nela que seu conjunto de 78 (cartas) imagens simbólicas ganhou os contornos existentes até hoje.

A expressão do amante, como encontrada no conjunto de cartas divinatórias, é uma forma simbólica de produzir sentidos ancorados no inconsciente coletivo; Ovídio, poeta romano da Antiguidade, ao contrário, não aborda a concretude da experiência vinculada ao restrito campo semântico de amante, mas, antes, traça um manual acerca do amor e sua arte. Segundo ele, "O amor é uma espécie de serviço militar. Arredai-vos, homens covardes! Não são os pusilânimes que devem levar os estandartes. Nos campos do prazer, nossas provocações são a noite, o inverno, as longas marchas, caminhos fragoso" (Ovídio, 2004, p. 61). Todavia, para além da beleza poética metaforizada pelos obstáculos vinculados à ação de amar, há amores que não cabem no amor glorificado pela moral tradicional, como, por exemplo, o enamoramento de amantes. Ovídio também o percebe e lhe traça a seguinte configuração: "O amor dos amantes só aumenta quando é perseguido; já que tiveram sorte comum, persistem ambos no que é a causa de sua perdição" (Ovídio, 2004, p. 72).

Diante da profusão narrativa presente na personagem do amante, pode-se dizer que sua circulação no imaginário coletivo configura-lhe o status de figura arquetípica. Em outros termos mais explicativos, nesse caso, que traços profundamente psicológicos existentes em variados níveis formatam a conduta tanto de pessoas quanto de personagens, trata-se, segundo Jung (2002), da formação de um arquétipo específico, isto é, do amante. Nesse direcionamento, Mark e Pearson (2003) afiançam: "O arquétipo do amante governa todos os tipos de amor humano, desde o amor parental e a amizade até o amor espiritual, mas é da maior importância para o amor romântico" (Mark; Pearson, 2003, p. 186). Ainda, acerca da constituição dessa figura, as autoras afirmam: "Associada ao arquétipo do amante, portanto, está uma subestrutura de competitividade que geralmente é inconsciente e desconhecida" (Mark; Pearson, 2003, p. 188).

Delineado o horizonte do amante e algumas de suas eventuais imbricações, pode-se, então, apontar para uma espécie de forma primordial na qual a figura do amante esteja integrada ao inconsciente coletivo que, para Jung (2002), é "uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal" (Jung, 2002, p. 53) mas, sim, um conjunto antropológico de dispositivos psicológicos angariados por parte do gênero humano. A partir dessa perspectiva segundo a qual a formação do imaginário dá-se por meio da estruturação da linguagem em características psicossociais circulantes nas mais diversas narrativas, este artigo realiza a incursão investigativa de descrever e interpretar, sob a perspectiva da semiótica arquetípica, o arquétipo do amante presente em Yamcha, de Dragon Ball Z (Toriyama, 1989).

Com vistas a alcançar o escopo deste artigo, segue-se o traçado metodológico-heurístico da semiótica arquetípica desenvolvido em "A semiótica do herói: a conflagração do caminho ascendente de Son Goku" (Soares, 2020), em "A semiótica do sábio: uma análise da constituição da jornada de Piccolo em Dragon Ball Z" (Soares, 2021a), em "A semiótica do amigo: uma análise da composição do companheirismo de Kuririn, em Dragon Ball Z" (Soares, 2021b) e em "A semiótica do inocente: funcionamento do arquétipo de Son Gohan em Dragon Ball Z" (Soares, 2023). Assim, em função da organização arquitetônica deste texto, três seções são subsequentemente abertas. Uma primeira, "A semiose (narrativa) do arquétipo de Yamcha", na

qual se descreve e interpreta a disposição semiótica de Yamcha à luz do funcionamento arquétipo do amante, consoante às quatro fases constituintes da narrativa (Platão; Fiorin, 1993). A segunda, "A semiótica das necessidades básicas no amante em Dragon Ball Z", na qual a relação entre os quatro pontos das necessidades básicas de constituição arquetípica (Mark; Pearson, 2003) demonstra a narratividade semiótica de Yamcha. A última, "Considerações finais", nas quais há uma avaliação das possíveis contribuições oriundas do exame empreendido.

A SEMIOSE (NARRATIVA) DO ARQUÉTIPO DE YAMCHA

Antes de adentrar-se à semiose do arquétipo de Yamcha propriamente, cabe situar a personagem em questão, porquanto esse expediente, por mais simples que possa parecer, permite uma melhor compreensão de elementos estruturantes da arquetipia desse integrante de Dragon Ball Z (Toriyama, 1989). Dito isso, importa explicitar as primeiras relações de Yamcha na narrativa, pois seu surgimento, no interior da trama, dá-se ainda em Dragon Ball (Toriyama, 1986), quando envolve-se com o protagonista ainda criança, Son Goku. Nesse encontro, Yamcha é um ladrão do deserto que, ao deparar-se com uma criança extremamente forte, presta-se a fazer-se de seu aliado para tentar encontrar as esferas do dragão. Gradativamente há a aproximação com o grupo do qual faz parte o protagonista, de modo que vão realmente se tornando amigos. Yamcha, já nesse período, inicia um relacionamento amoroso com Bulma, e começa a treinar com Mestre Kame. Quando a série ganha seu novo arco em Dragon Ball Z (Toriyama, 1989), Yamcha está totalmente integrado à equipe chamada de guerreiros Z.

Feita essa breve contextualização do representante do arquétipo do amante em Dragon Ball Z (Toriyama, 1989), resta a circunscrição conceitual desse segundo a ótica instrumental do actante, estruturado por semioses configurativas de papéis no interior da narrativa (Greimas; Courtés, 1989). Como então funciona o actante em um circuito no interior do qual ocorrem os desencadeamentos de ações? Cada actante desempenha um ou mais papéis cuja cadência narrativa permite o desenvolvimento da trama. Dessa maneira, o actante é, então, um mobilizador de ações cuja segmentação é percebida como consequencial de um núcleo estruturante dentro, conforme Soares (2021a), de "uma gramática funcional dos casos de ação que ele desempenha em seu espaço narrativo" (Soares, 2021a, p. 25). Nesse direcionamento, segundo Greimas e Courtés (1989), "o conceito de actante deve, igualmente, ser interpretado no âmbito da gramática dos casos em que cada caso pode se considerar como a representação de uma posição actancial" (Greimas; Courtés, 1989, p. 12-13). Em contrapartida, como Son Goku é o actante nuclear de Dragon Ball Z (Toriyama, 1989), Yamcha desempenha o papel de actante adjuvante, ou seja, nas palavras de Greimas e Courtés (1989), "auxiliar positivo quando esse papel é assumido por um ator diferente do sujeito do fazer" (Greimas; Courtés, 1989, p. 15), pois o actante nuclear, ou seu antagonista, é, geralmente, o sujeito do fazer.

Importa destacar, no que tange ao funcionamento do actante, que todo sistema ficcional, há, segundo Eco (2018), o "próprio sistema de expectativas" (Eco, 2018, p. 75), atravessado pelo regime actancial que se atualiza em "um sistema de significação original" (Eco, 2018, p. 75), que, conforme explica Soares (2023), "permite ao obser-

vador externo dizer qual personagem possui maior ou menor relevância para classificá-lo como adjuvante ou actante nuclear" (Soares, 2023). Em outros termos, pode-se dizer que, com base no desempenho dos actantes no circuito ficcional, existem aqueles que nuclearizam a trama, protagonizando-a, e aqueles que subsidiam os feitos dos anteriores, servindo-lhes de auxiliares, já que, como expõe Soares (2020), "a actância do herói preenche o espaço da narrativa mesmo com sua ausência, estabelecendo sua força centrípeta em relação aos demais actantes" (Soares, 2020, p. 116). Nessa perspectiva interacional, há uma continuidade, como demonstram Greimas e Courtés (1989), "na progressão do discurso narrativo, o actante pode assumir um certo número de papéis actanciais, definidos simultaneamente pela posição do actante no encadeamento lógico da narração e por seu investimento modal" (Greimas; Courtés, 1989, p. 13). Dito de outro modo, um actante adjuvante pode, ainda que temporariamente, assumir a actância nuclear, como no exemplo da batalha contra Cell, na qual Son Gohan performatiza o papel de protagonista-herói.

Diante desse aspecto multifacetado do funcionamento do actante, de acordo com Soares (2023), "é factível que haja um herói que não necessariamente seja o protagonista, entretanto, há a circunscrição desse tipo de ocorrência à demanda existente no projeto narrativo" (Soares, 2023, p. 208), do contrário haveria uma rigidez no desempenho tanto do actante nuclear quanto dos auxiliares, como é o caso de Yamcha em Dragon Ball Z (Toriyama, 1989). Todavia, mesmo com a performance reduzida pelo sistema centrípeto exercido por Son Goku, Yamcha, e sua arquetipia, possui influência significativa para o desenvolvimento da narrativa de Dragon Ball Z (Toriyama, 1989). Em vista dessas possibilidades de papéis a serem exercidos, os actantes, e seus próprios projetos temáticos, desenvolvem a dependência circunstancial presente na cadência narrativa, emoldurada pela função exercida por seus participantes, considerando-se que, segundo Propp (2006), "Por função, compreende-se o procedimento de um personagem, definido do ponto de vista de sua importância para o desenrolar da ação" (Propp, 2006, p. 17). Por essa razão, associada à propositura investigativa deste artigo, Yamcha é elevado à condição passível de análise descritivo-interpretativa, análoga à do actante nuclear e, em virtude da condução de seu desempenho actancial, pode receber o investimento examinador acerca da manifestação semiótica do arquétipo do amante no universo de Dragon Ball Z (Toriyama, 1989). Ante esse processo, no qual a actância de Yamcha está disposta sob a égide do arquétipo do amante, na construção epistemológica da psicologia arquetípica (Hillman, 2022), oriunda do conceito junguiano de arquétipo, há, por intimidade epistêmica entre semiótica e psicologia arquetípica, a viabilidade para perscrutar a semiose (narrativa) do arquétipo do amante em Dragon Ball Z (Toriyama, 1989).

Frente ao quadro epistemológico e conjuntural inicialmente pintado para abordar a semiose narrativa do arquétipo do amante em Yamcha, concerne à propositura desta investigação elucidar que, conforme explica Jung (2002), "o conceito de arquétipo constitui um correlato indispensável da ideia do inconsciente coletivo, que indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar" (Jung, 2002, p. 53). Nesse direcionamento interpretativo, o arquétipo,

como uma forma existencial presente no imaginário cultural, edifica-se no inconsciente coletivo como estrutura antropológica independente tanto da circunscrição de momento histórico quanto da organização geopolítica. Assim, ao observar como o protótipo abstrato de comportamentos humanos está descrito, em decorrência de seu próprio funcionamento teórico, em sua formulação, pode-se afirmar que a arquetipia aproxima-se bastante das formas ideais[2], concebidas por Platão (2004), sobretudo por estar vinculada a uma instância relativamente pouco acessível, como é o inconsciente coletivo.

Ao tocar-se o inconsciente coletivo, uma noção cara à psicologia analítica, é importante designar-lhe, de acordo com Jung (2002), como "parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal" (Jung, 2002, p. 53). Por outro lado, o inconsciente pessoal, segundo Jung (2002), "consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos" (Jung, 2002, p. 53). Essa diferenciação é profundamente significativa, pois, como esta investigação volta-se para a compreensão do arquétipo do amante em Yamcha, em Dragon Ball Z (Toriyama, 1989), o inconsciente coletivo é o edifício no interior do qual se assentam as disposições de todo arquétipo e nele configura-se seu conjunto de semioses narrativizadas nas mais diversas formas interativas de disseminar as experiências humanas.

Alguns arquétipos estão registrados em praticamente todas as culturas conhecidas (Campbell, 2007), como no caso destes: herói, amigo, fora-da-lei, sábio, cuidador, amante, entre outros. Portanto, pode-se afirmar que os arquétipos são, como postula Von Franz (1992), "núcleos ativados dentro desse campo, cuja função seria organizar representações simbólicas em determinados padrões de comportamento" (Von Franz, 1992, p. 104, apud Grinberg, 1997, p. 136). A partir desse mirante, segundo o qual o arquétipo possui traços organizativos em sua formação narrativa, posto que sua composição encontra-se nas estórias que atravessam tempo e espaço e instauram-se no inconsciente coletivo, torna-se procedente examiná-lo sob o prisma da semiótica arquetípica (Soares, 2020; 2021a; 2021b; 2023). Destaca-se, sob a justificativa de analisar-se a materialidade narrativa de uma arquetipia específica, como no caso do amante em Yamcha de Dragon Ball Z (Toriyama, 1989), o caráter não evidente do arquétipo, pois, como assevera Hillman (2022), "Uma imagem arquetípica opera como o significado original da ideia (do grego eidos e eidolon): não somente "aquilo que" se vê, mas, também "aquilo através do que" se vê (Hillman, 2022, p. 41; aspas do autor).

Em sendo um fenômeno dual, o arquétipo é produto da interação orgânica de semioses que lhe integram, de modo que, de acordo com Soares (2023), existam em seu interior composicional "traços de uma natureza perceptível e de outra sensível" (Soares, 2023, p. 209) ou como Jung (2018) assinala sobre os arquétipos: "*são imagens e ao mesmo tempo emoções*. Só podemos fa-

2 Teoria das ideais (ou das formas) é a denominação para a perspectiva filosófica de Platão segundo a qual existem ideias indeléveis e abstratas cujas sombras conhecemos por meio das experiências. De acordo com Stein (2006), "A teoria dos arquétipos é o que torna platônico o mapa junguiano da alma; entretanto a diferença entre Jung e Platão é que Jung estudou as Ideias como fatores psicológicos e não como formas eternas ou abstrações" (Stein, 2006, p. 82).

lar de um arquétipo quando estão presentes esses dois aspectos ao mesmo tempo" (Jung, 2018, p. 276, itálico do autor). Jung (2018), um pouco mais esmiuçadamente, afirma, sobre as imagens e emoções, "Examinando-as mais detalhadamente, constataremos que elas são, de certo modo, o resultado formado por inúmeras experiências típicas de toda uma genealogia" (Jung, 2018, p. 82). Pode-se acrescentar a tal explicação o fato de que os arquétipos são semioses que se reformulam, ainda que seu núcleo semiótico permaneça relativamente estável, por um processo de adaptação conjuntural, por essa razão a semiose narrativa do amante expressa por Yamcha, em Dragon Ball Z (Toriyama, 1989), pode ser descrita, interpretada e, consequentemente, analisada segundo a perspectiva da semiótica arquetípica (Soares, 2020; 2021a; 2021b; 2023), como é feito posteriormente.

Diante do recenseamento epistemológico acima, a interpretação da actância de Yamcha, cuja imagem e emoção associadas estão conectadas ao arquétipo do amante, possui estrutura particular para o projeto narrativo a qual serve no interior do universo ficcional de Dragon Ball Z (Toriyama, 1989), porquanto, mesmo não figurando entre as personagens mais relevantes para o progresso da trama, sua actância favorece seu afastamento de Bulma e a aproximação dessa a Vegeta. Em outros termos, por um aparente deslise conjugal, ou como Trunks contou a Son Goku, Yamcha traiu Bulma, Vegeta acabou ficando mais perto da futura mãe de seu filho, Bulma, e acabou por tornar-se seu marido. Aqui é importante a recursividade da construção da personagem em questão, pois esse expediente pode auxiliar a explicitar parte do funcionamento actancial de Yamcha e a expressão do arquétipo do amante em sua constituição semiótica. Em Dragon Ball (Toriyama, 1986), inicialmente Yamcha possui dificuldades em socializar com mulheres, levando muito tempo para iniciar conversas mais longas com Bulma até que, ao passar a ser aluno de Mestre Kame, ele acaba por ficar menos inibido e inicia os flertes com aquela que sempre ali frequentava.

Yamcha participou da luta contra os sayajins, Napa e Vegeta, na qual foi morto por um saibaman. Após esse episódio, ele foi treinar com o Senhor Kaioh. Na saga dos androides, Yamcha ajuda Son Goku, levando-o para casa do Kame e dando-lhe o remédio para sua doença do coração. O representante do arquétipo do amante foi o primeiro a detectar a habilidade de absorver energia dos androides. Em razão dessa performance relativamente simples e auxiliar, a personagem em questão não recebeu maiores contornos e, consequentemente, maior investimento em seu projeto narrativo. Entretanto, à medida que Yamcha ganha espessura semântica e expressividade semiótica no tecido ficcional de Dragon Ball Z (Toriyama, 1989), as combinações e as articulações de seus feitos são realizadas em diversos níveis (Greimas; Courtés, 1989; Fiorin, 1990; Barros, 2005) de progressão da narrativa.

Em vista da função arquetípica ocupada por Yamcha, no interior do circuito ficcional de Dragon Ball Z, pode-se empregar os planos encontrados em narrativas míticas, em culturas distintas (Campbell, 2007), que proporcionam maior grau de estabilidade interpretativa. Nesse caso, a composição clássica da jornada do herói (Campbell, 2007) serve como primeiro anteparo metodológico da análise da semiose (narrativa) do arquétipo de Yamcha. De acordo com Campbell (2007), os planos são: 1) o mundo comum; 2) o chamado para a aventura;

3) a recusa do chamado; 4) o encontro com o mentor; 5) a travessia do umbral; 6) os testes, aliados e inimigos; 7) a aproximação do objetivo; 8) a provação máxima; 9) a conquista da recompensa; 10) o caminho de volta; 11) a depuração; e 12) o retorno transformado. Segundo os planos apontados, a restrição selecionada do recorte do universo de Dragon Ball Z (Toriyama, 1989) e o fato de a arquitetura semiótica de Yamcha possuir traços não predominantes do arquétipo do herói, é possível delinear o mundo comum no qual se encontra o actante como antes das batalhas que enfrenta. Antes da chegada dos sayajins, Yamcha está preparando-se para o combate, de modo análogo quando surgem os androides e Cell. Já O chamado para aventura refere-se justamente ao momento em que os inimigos da paz aparecem no cenário calmo. Yamcha passa pela recusa do chamado somente na saga Majin Boo, ausentando-se de lutar.

Quanto ao plano referente ao encontro com o mentor, o representante do arquétipo do amante tem dois Mestres que demora um pouco a conhecer: Kami e Senhor Kaioh. A partir do treinamento desses mentores, há um progresso qualitativo nas habilidades de Yamcha, mas o mesmo ocorre com os outros actantes que não deixam de desenvolver os mesmos quesitos. Como foi dito, Yamcha não opera o arquétipo do herói, em função dessa característica, os planos voltados para a travessia do umbral, para os testes, aliados e inimigos, e para a aproximação do objetivo não integram a arquitetura semiótica da personagem em questão. Quanto à provação máxima, Yamcha morre ao lutar contra adversários muito mais fortes, na saga dos sayajins, e quase perde a vida mais uma vez ao fazer frente aos androides. A conquista da recompensa é ser ressuscitado e ser salvo, quando morre em combate e quando estava prestes a perder uma luta. Já no caminho de volta, Yamcha retoma suas atividades, volta com Bulma, sua namorada, após ser revivido; na saga dos androides, que se estende a saga Cell, ele, ao final, abandona as artes marciais. Talvez esse ato de abnegação seja a sua depuração e, consequentemente, seu retorno transformado.

Após esse recenseamento alocado dos planos de atuação de Yamcha, segundo a progressão actancial da jornada do herói (Campbell, 2007), compreende-se tanto a importância da personagem, cujo arquétipo do amante manifesta-se no enredo, quanto o propósito da aproximação entre seu papel desempenhado e o do protagonista, Son Goku, para este artigo, porquanto Yamcha é elevado à condição de herói para receber o preenchimento dos estágios pelos quais passa um. Nessa perspectiva, a percepção da actância de Yamcha, conforme sua performance auxiliar, traz para a descrição de sua semiose narrativa o hiato existente entre os arquétipos do herói e do amante. Desse modo, a explicação de Vogler (2006), sobre a centralidade da relação entre personagens, que operam arquétipos distintos no interior do programa narrativo de qualquer ficção, recai na interação necessária entre actantes, pois, de acordo com Vogler (2006), "O ponto central de muitas histórias é a aprendizagem que ocorre entre um herói e um mentor, ou um herói e um amante, e até mesmo entre um herói e um vilão" (Vogler, 2006, p. 54). No horizonte traçado por essa ligação entre actantes, para verificar os desdobramentos da arquetipia do herói e para o aproximar ao amante, abaixo, no esquema circular, é possível perceber as emanações do centro organizador essencial dos demais arquétipos.

Figura 1: Emanações do herói (Vogler, 2006, p. 50).

Acima, vê-se a figura do herói exercendo sua força centrífuga – na medida que os demais arquétipos derivam de seu núcleo; centrípeta na medida que os demais actantes voltam-se para o funcionamento do herói –, que possibilita, por sua vez, outras actâncias. Na toada interpretativa da extensão do eixo de atuação do herói, segundo Campbell (2007), "o herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas, pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas" (Campbell, 2007, p. 28). No entanto, para que o actante principal possa ultrapassar tais características inerentes ao seu projeto narrativo, actâncias com menores propriedades nucleares emergem com a finalidade de proporcionar-lhe subsídios, como no caso do aliado, encarnado em Dragon Ball Z (Toriyama, 1989) em várias personagens, dentre elas encontra-se Yamcha. Esse, ao longo de praticamente toda a série animada, serviu de suporte para Son Goku e para os demais guerreiros Z. É por meio dessa perspectiva atómica de interpretação de papéis narrativos que a personagem em questão é colocada sob a égide do aliado, no interior da ótica das emanações do herói (Vogler, 2006).

Para aqueles menos familiarizados com as dimensões dos aliados existentes no universo ficcional de Dragon Ball Z (Toriyama, 1989), é interessante apresentar, como contraste analítico, Kuririn, também aliado de Son Goku, porém com uma operação actancial muito distinta de Yamcha, já que, como afirma Soares (2021b), "Kuririn participa das fases positivas e das negativas, eufóricas e disfórica, do actante nuclear fornecendo-lhe estímulo para sua própria jornada" (Soares, 2021b, p. 40). Em outros termos, Yamcha, por ser aliado do protagonista, não exerce as mesas funções do arquétipo do amigo (Soares, 2021b), presentificado em Kuririn, conforme demonstra Soares (2021b) ao afiançar, sobre essa questão, que "a perda do amigo é poderosamente tão significativa para actância de Son Goku que o faz transformar-se em uma lenda viva, porquanto, como podemos perceber, a semiose do arquétipo do herói tem tamanha potência graças, entre outras coisas, ao auxílio do arquétipo do amigo" (SOARES, 2021b, p. 40). Nesse direcionamento, verifica-se que os arquétipos do amigo, Kuririn, e do amante, Yamcha, em Dragon Ball Z (Toriyama, 1989) podem figurar no mesmo eixo de emanação do herói (Vogler, 2006).

Decorrente da constatação acima, somada à averiguação do esquema das quatro fases constituintes da narrativa no desenvolvimento da arquetipia de Yamcha, abaixo tem-se o seguinte encadeamento proposto por Platão e Fiorin (1993, p. 57):

MANIPULAÇÃO → COMPETÊNCIA→ PERFORMANCE → SANÇÃO

Cada um dos elementos das quatro fases da narrativa engendra seu posterior até a chegada da sanção. Em Dragon Ball Z (Toriyama, 1989), alguns actantes passam por todas as fases, sobretudo Son Goku, a principal personagem. Dito isso, a etapa da manipulação, de acordo com Barros (2005), "tem a estrutura contratual da comunicação" (Barros, 2002, p. 37), fazendo quem é alvo do contrato não tenha alternativa senão aceitá-lo, já que "o destinatário é levado a efetuar uma escolha forçada" (Barros, 2005, p. 37). Yamcha vê-se obrigado a participar da luta contra os sayajins, Napa e Vegeta, vê-se pressionado a treinar com o Senhor Kaioh e vê-se compelido a enfrentar os androides. Mesmo nesses casos em que o desempenho do actante em questão é relativamente pouco significativo para o desenvolvimento linear do programa narrativo da trama, ele encontra-se praticamente nas mesmas circunstâncias dos demais, inclusive do protagonista. Em outras palavras, para que Yamcha também seja alvo de manipulação é necessário que ele tenha desenvolvido minimamente a competência para tanto, pois "Manipulação e competência são correlativas, ou seja, são pontos de vista diferentes sobre o programa de aquisição" (Barros, 2005, p. 36) de saberes e capacidades actanciais.

De posse da competência, que para Yamcha é saber lutar e proteger seus companheiros, o representante do arquétipo do amante em Dragon Ball Z demonstra seu desempenho na etapa propriamente da atuação e, conforme Barros (2001), "torna-se sujeito competente para um dado fazer ou performance e executa-o, passando a sujeito realizador" (Barros, 2001, p. 35). Logo, Yamcha, quando enfrenta adversários, volta a operação de sua actância para sua performance. Por fim, após a etapa anterior, vem a sanção que, para Barros (2005), é "a última fase do algoritmo narrativo, apresenta-se como um fim necessário" (Barros, 2005, p. 39). Nela, Yamcha recebe seu quinhão, que na maioria das vezes é um tanto quanto ruim. Quando batalha contra os sayajins, ele falece; quando enfrenta os androides, quase acontece o mesmo; por não treinar, foi eliminado por Majin Boo, ou seja, Yamcha recebe sanções pouco gratificantes por seu desempenho, já que esse é insuficiente para alterar o programa narrativo da ficção.

Cabe, no interior da descrição das quatro fases da narrativa (Platão; Fiorin, 1993) em Yamcha, interpretar como sua relação com Bulma atravessa essas etapas. Nesse direcionamento, a manipulação é iniciada por ele e aceita por ela, ambos, portanto, possuem vontade e, consequentemente, as habilidades para namorar. Durante a performance, há algumas idas e vindas entre o casal, o que ocorre por um bom tempo até que há, da parte dele, a traição. Essa ocorrência, após descoberta, é estopim para o final da relação, já que destoa da tensão inicial e gera ciúme em Bulma, tal sentimento para Greimas e Fontanille (1993), "se organiza em torno de um acontecimento disfórico que pode estar situado, seja em prospectiva, seja em retrospectiva" (Greimas; Fontanille, 1993, p. 192). Por sua vez, essa parcela, subjacente ao projeto narrativo no qual a actância de Yamcha enquadra-se, contribui significativamente para uma remodelagem no programa narrativo de Dragon Ball Z (Toriyama, 1989), pois abre a margem para a criação do vínculo entre Bulma e Vegeta para, por conseguinte, o nascimento do filho desses últimos, outra per-

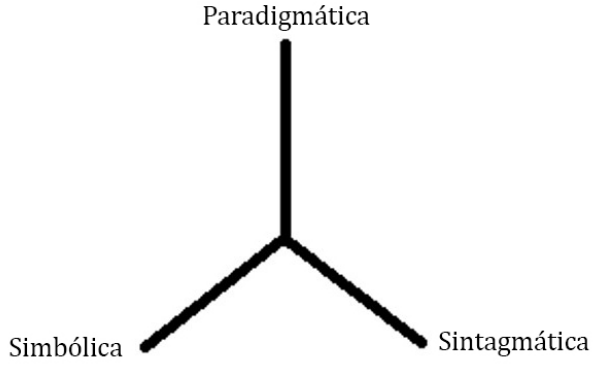
sonagem importante para a série, Trunks. Entretanto, há mais elementos semióticos a serem depreendidos quanto à quadratura das necessidades básicas que formatam o jogo de sentidos do arquétipo do amante (Mark; Pearson, 2003) em Yamcha de Dragon Ball Z.

A SEMIÓTICA DAS NECESSIDADES BÁSICAS NO AMANTE EM DRAGON BALL Z

Diante da propositura segundo a qual este artigo foi traçado, descrever e interpretar a semiótica do amante em Yamcha, de Dragon Ball Z (Toriyama, 1989), a verificação da valência dos principais traços ligados à estrutura semiótica do amante em relação aos quatro pontos das necessidades básicas de constituição arquetípica (Mark; Pearson, 2003), traduz-se como um movimento metodológico necessário posterior à caracterização das quatro fases constituintes da narrativa (Platão; Fiorin, 1993). A partir desse horizonte situacional, admite-se, para analisar-se a semiótica das necessidades básicas do amante em Dragon Ball Z, como a seguinte delimitação de semiótica: "ciência geral da significação que está fundamentalmente ligada à filosofia da linguagem, porém, dessa se afasta quando se tem um objeto comunicativo a ser investigado" (Soares, 2020, p. 120), como é o caso neste artigo. Na esteira de balizamento do objeto da semiótica, Soares (2018) afirma: "Como se pode notar, ela é uma teoria dos signos, da representação e do conhecimento, que elabora uma extensão da lógica no território da cognição e da experiência dos fenômenos" (Soares, 2018, p. 96). Nessa toada, Eco (1981) diz: "por estes e por outros motivos, a semiótica não é apenas uma teoria, mas uma prática comum. É-o porque o sistema semântico muda e ela só o pode descrever parcialmente e em resposta a acontecimentos comunicativos concretos" (Eco, 1981, p. 172). Em virtude dessa característica funcional, segundo Eco (1980), "a semiótica tem um único dever: definir o sujeito da semiose que se manifesta como o contínuo e continuamente *incompleto sistema de sistemas de significação que refletem um no outro*" (Eco, 1980, p. 257; itálicos do autor). Com base nessas definições específicas para a semiótica, em seu sentido amplo, e sua aplicação, este texto, que se baseia na semiótica arquetípica, afasta-se um pouco de algumas abordagens da semiótica, como a semiótica greimasiana. Isso ocorre porque se considera importante discriminar as determinações composicionais de seu objeto, o arquétipo, "o arquétipo, como uma estrutura segundo a qual funciona uma gramática de atos cadenciados também por um projeto narrativo, é antes de qualquer coisa uma semiose" (Soares, 2021b, p. 37).

Em vista do que foi explicitado acerca da semiótica e seu objeto, de acordo com Soares (2023), "o projeto arquitetônico de um arquétipo não difere substancialmente de uma personagem cujas características ganham relevo por seu contraste com outras no plano de construções actanciais, recebendo uma gramática própria de seu funcionamento" (Soares, 2023, p. 212-2013), de modo que Todorov (2006), Vogler (2006) e Campell (2007), entre outros, chancelaram a condução performativa da gramática existente tanto no circuito universal dos arquétipos quanto no âmbito particular dos actantes. Além desse relevo dado ao funcionamento do arquétipo como figura com semiótica própria, caso a semiótica arquetípica encontrasse algum óbice, poderia recorrer ao dispositivo do esquema tridimensional da linguagem, elaborado por Lefebvre (1966), que está mais abaixo.

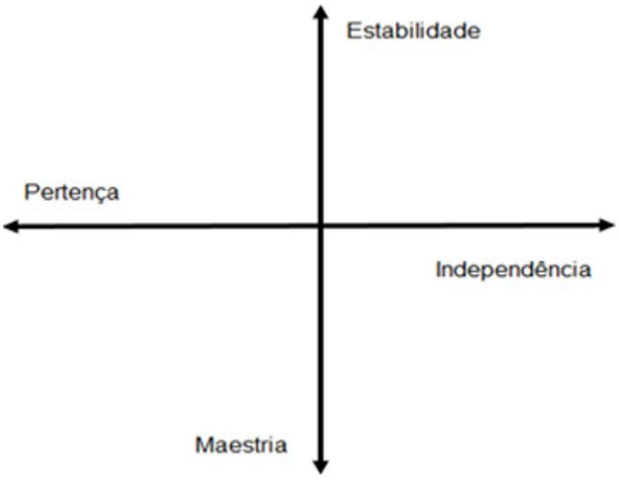
Figura 2: Esquema tridimensional da linguagem (Lefebvre, 1966).



Acima, como uma via teórica e metodológica possível de descrever e interpretar o sistema arquetípico encarnado em actantes, como Yamcha, tem-se, em conformidade com Lefebvre (1966), "A dimensão simbólica é a continuidade fundamental considerada pelos filósofos como ontológica o existencial" (Lefebvre, 1966, p. 263); a dimensão paradigmática "é a referência não há objetos, mas há oposições tematizadas, cujos termos significam uns em relação aos outros" (Lefebvre, 1966, p. 263); e a dimensão sintagmática é "a disposição dos dados disponíveis da ação, a organização das virtualidades a partir dos elementos adquiridos e já bem recortados" (Lefebvre, 1966, p. 263). Ora, tal arquitetura epistêmica, cuja refração semiótica consta em uma triangulação de elementos narrativamente analisáveis, também permite a consecução de uma propositura análoga à aqui posta em desenvolvimento.

Após essas colocações justificadas sobre outra metodologia possível para o exame da semiótica do amante, em Dragon Ball Z (Toriyama, 1989), passa-se para seu segundo momento integrativo deste artigo, no qual a semiótica das necessidades básicas de constituição arquetípica (Mark; Pearson, 2003) de Yamcha são consideradas, segundo os entrelaçamentos dos desdobramentos orgânicos, as estruturas da semiose narrativa desse actante, tal como descrita na seção anterior. Para deixar as necessidades básicas de constituição arquetípica (Mark; Pearson, 2003), de forma fiel e ilustrada, nitidamente esquematizadas, usa-se, abaixo, a figura na qual os quatro elementos, atravessados entre si, possuem eixos paralelos compostos pelos seguintes sentidos: pertença, estabilidade, independência e maestria.

Figura 3: Necessidades básicas de constituição arquetípica (Mark; Pearson, 2003, p. 28).



Acima – é interessante ressaltar que tal quadro integra, conforme as autoras Mark e Pearson (2003), praticamente todos os arquétipos, variando sua percepção qualitativamente em função das próprias características desenvolvidas pelo arquétipo e nele verificadas –, vê-se a direcionalidade dos polos semânticos, pertença e independência, no eixo horizontal, estabilidade e maestria, no eixo vertical. Cabe destacar que a semiótica, que aqui será empregada para análise do arquétipo do amante em Yamcha, permite a intepretação do segundo componente apontado por Jung e trazido anteriormente na definição dos arquétipos, que "são imagens e ao mesmo tempo emoções" (Jung, 2018, p. 276), já que a semiose (narrativa), como foi possível perceber na

seção anterior, vai ao encontro do primeiro integrante do arquétipo sob investigação. Nessa perspectiva, o cotejamento dos polos semânticos participantes das necessidades básicas de constituição arquetípica de Yamcha projeta a densidade de sua actância na arquitetura ficcional do universo de Dragon Ball Z.

Yamcha, no interior do eixo horizontal, pertença-independência, é parte integrante dos discípulos de Mestre Kame, Senhor Kaioh, e dos guerreiros Z. Ele é um dos primeiros amigos de Son Goku; está até a saga Cell treinando artes marciais para aprimorar seu poder de luta. Assim, pode-se afirmar que o polo semântico da pertença é bem preenchido, pois Yamcha está em praticamente em todos os núcleos programáticos da narrativa, ainda que isso não lhe renda protagonismo ou uma actância parcialmente central. O representante do arquétipo do amante participa da luta contra os sayajins, Napa e Vegeta, na qual é morto. Vai, junto a alguns dos guerreiros Z, ao planeta do Senhor Kaioh para lá treinar e desenvolver seu poder de combate. Portanto, não é exagero afirmar que Yamcha pertence, de modo orgânico, aos projetos narrativos que se entrecruzam significativamente em Dragon Ball Z (Toriyama, 1989).

Por outro lado, no eixo da independência, encontra-se o caminho pelo qual Yamcha optou por namorar, ou seja, investir parte de seu desempenho semiótico na relação com Bulma. Yamcha é o primeiro companheiro de jornada de Son Goku a envolver-se em um relacionamento amoroso; o próprio protagonista casa-se no final de Dragon Ball (Toriyama, 1986), entretanto, Yamcha não consegue o mesmo feito de Goku, pois, com a chegada de Vegeta à Terra, reconfigurando os projetos actâncias dos guerreiros Z, seus eventuais "casos" descobertos por Bulma minaram o namoro. Nesse direcionamento, é legítimo alegar que o desempenho de Yamcha, no eixo do polo semântico da independência, é um tanto quando problemático e gera afetos disruptivos, no tocante ao desempenho da arquetipia do amante, sobretudo, já que, não estando entre os guerreiros mais fortes e mais dedicados ao treinamento das artes marciais, ele poderia desenvolver com mais eficácia o eixo da independência, que, por sua vez, trar-lhe-ia muito provavelmente mais benefícios.

Quanto ao eixo vertical, estabilidade -maestria, Yamcha demonstra uma estabilidade parcial, mas significativa para a composição do grupo de lutadores que protegem a Terra. Ainda no quesito estabilidade, ele é um bom companheiro, sempre que necessário sacrificando-se, como é possível notar na luta contra os sayajins e mesmo contra Cell, pois ao final dessa última ele e os demais guerreiros Z não abandonam Son Gohan. Todavia, Yamcha tem com Bulma um relacionamento permeado de instabilidade desde o seu início, já que terminaram e voltaram várias vezes. Portanto, existe uma parcela do desenvolvimento do eixo vertical da actância do representante do arquétipo do amante, em Dragon Ball Z, que é mais constante e frequente, por outro lado, há outra que é inconstante e instável. Não se pode dizer que ele seja o principal responsável pelas flutuações em seu relacionamento com Bulma, até porque essa é uma personagem um tanto quanto complexa, mas, sim, que ele possui uma boa dose de autoria para com o desfecho de seu namoro.

Por outro lado, no tocante à maestria, Yamcha dominou o estilo kame e uma série de técnicas poderosas, como, por exemplo, "Novo Rouga Fufuken" e o "Soukidan"[3]. Ele

3 Essas técnicas envolvem a distribuição de energia em formatos condensados que possam ser

foi a segunda personagem de Dragon Ball (Toriyama, 1986) a apreender o famoso "Kamehameha". Yamcha passou por praticamente todos os treinamentos que Son Goku fez, porém, por não ser um actante nuclear, justificado pelo fato de ser um terráqueo, deferentemente do protagonista, o seu desempenho no programa narrativo global do universo de Dragon Ball Z (Toriyama, 1989) cai gradativamente, em contrapartida, o poder de luta de Goku e de seus adversários sobe cada vez mais com o progresso da narrativa. Ainda quanto ao polo semântico da maestria em Yamcha, cabe ressaltar que ele é um dos primeiros guerreiros Z a ter um relacionamento afetivo, mesmo que esse tenha sido conturbado. Tentar conciliar as artes marciais e namoro, combater os inúmeros perigos envoltos à figura do herói e manter as amizades vivas foram atividades que tomaram a actância de Yamcha, de modo que houve o comprometimento de suas necessidades básicas de constituição arquetípica (Mark; Pearson, 2003).

Vê-se que o desdobramento da actância de Yamcha, segundo a descrição dos polos semânticos existentes na constituição arquetípica, formata e atualiza a impressão do arquétipo do amante em sua representação figurativa. Tanto o eixo horizontal quanto vertical apresentam a variabilidade e distinção dos traços arquetípicos da performance da personagem em questão, já que, somados à semiose (narrativa), demonstram a arquitetura da semiótica composicional do traçado de sentidos produzidos ao longo de suas ações, estruturadas pelo programa narrativo global da ficção. Nesse direcionamento, o cumprimento das necessidades básicas e a precisão dos problemas nelas existentes fundamentam a expressão narrativa do arquétipo do amante presente em Yamcha que, em certos casos pode servir de alívio cômico, é um actante adjuvante operador do ingresso tanto de Vegeta, como parceiro de Bulma, quanto Trunks, filho daquele com essa, no mundo de Dragon Ball Z.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista do cumprimento do objetivo deste artigo, descrever e interpretar, sob a perspectiva da semiótica arquetípica, o arquétipo do amante presente em Yamcha, de Dragon Ball Z (Toriyama, 1989), verificou-se que a arquetipia dessa personagem constitui uma semiose narrativa específica, segundo as sequências de estágios delineados por Campbell (2007), passando por praticamente todas as fases correspondestes à composição do herói; observou-se que, das emanações do herói, desenhadas por Vogler (2006), Yamcha representa a égide do aliado; examinou-se o funcionamento do projeto semiótico dele conforme as quatro fases da narrativa (Platão; Fiorin, 1993). Por fim, para esmiuçar a investigação das emoções na arquitetura semiótica do arquétipo do amante operado pelo actante em questão, empregou-se os quatro pontos das necessidades básicas de constituição arquetípica (Mark; Pearson, 2003).

Após esse processo analítico, certifica-se que, apesar da actância auxiliar, Yamcha não se configura como o arquétipo do amigo, pois esse é ocupado por Kuririn, que de acordo com Soares (2021b), "participa das fases positivas e das negativas, eufóricas e disfórica, do actante nuclear fornecendo-lhe estímulo para sua própria jornada" (Soares, 2021b, P. 40); também não se caracteriza como o arquétipo do inocente, já

lançados sobre um adversário. Assim, quanto maior o ki, energia, do lutador responsável pela utilização dessas técnicas, maior será o possível dano causado ao oponente.

que esse é desempenhado por Son Gohan, porquanto, explica Soares (2023), "o inocente, em Dragon Ball Z, é dependente de seus colegas e mestres para desempenhar qualquer ação" (Soares, 2023, p. 2015). Em qualquer outra perspectiva, Yamcha aparece como o actante mais voltado ao flerte, com ditos inferenciais de situações românticas. Todavia, sua desenvoltura como lutador é o termômetro de seu comportamento arquetípico, pois seus treinos são gradualmente deixados de lado para tornar-se um bon-vivant.

Ressalta-se o comprometimento de Yamcha ao seu relacionamento com Bulma como um dos principais traços instituintes do arquétipo do amante. Portanto, a continuidade do namoro poderia exercer uma atratividade narrativa pouco significativa para o programa ficcional da série, dificultando, com isso, o ingresso de dois novos actantes, Vegeta e Trunks. Por essa perspectiva, trazer o amante para o segundo plano, ou para mais distante do conjunto actancial mais representativo, faz com que outros possam habitar o espaço narrativo aberto por esse deslocamento. Yamcha desdobra o papel do arquétipo do amante e, ao mesmo tempo, o atualiza, pois, conforme afiançam Mark e Pearson (2003), "as histórias são arquetípicas, mas não estereotipadas. Elas ligam o arquétipo a situações que todos nós conhecemos, mas que não são simplesmente previsíveis" (Mark; Pearson, 2003). Ora, o desempenho de Yamcha traduz os valores embutidos na constituição do amante, através dos seguintes dizeres de Manuel (2006) "se no começo não mostras quem és, nunca poderás depois quando, quiseres" (Manuel, 2006, p. 126). Analogamente a carta do enamorado, do baralho de Marselha, Yamcha, podendo escolher, opta por ficar consigo.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa. **Teoria do discurso**: Fundamentos semióticos. 3 ed. São Paulo: Humanitas /FLLCH/ USP, 2001.

BARROS, Diana Luz Pessoa. **Teoria semiótica do texto**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2005.

DRAGON BALL. **Criação de Akira Toriyama**. Japão: Fuji Network System, 1986-1989, son., color. Série animada exibida no Brasil pela rede SBT.

DRAGON BALL Z. **Criação de Akira Toriyama**. Japão: Fuji Network System, 1989-1996, son., color. Série animada exibida no Brasil pela rede Bandeirantes.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 10 ed. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/ Pensamento, 2007.

ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. Trad. Antônio de Pádua Danesi [et. al.]. São Paulo: Perspectiva, 1980.

ECO, Umberto. **O signo**. Trad. Maria de Fátima Marinho. 2 ed. Lisboa: Editorial Presença, 1981.

ECO, Umberto. **Interpretação e superinterpretação**. Trad. Monica Stahel. 4 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1990.

GREIMAS, Algirdas Julius.; COURTÉS; Joseph. **Dicionário de semiótica**. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, 1989.

GREIMAS, Algirdas Julius.; FONTANILLE, Jacques. **Semiótica das paixões**: dos estados de coisas aos estados de alma. Trad. Maria José Coracini. São Paulo: Editoria Ática, 1993.

GRINBERG, Luiz Paulo. **Jung**: o homem criativo. São Paulo: FTD, 1997.

JUNG, Carl Gustav. **A vida simbólica**: escritos diversos (vol. I). Trad. Araceli Elman et. al. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Trad. de Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

HILLMAN, James. **Psicologia arquetípica**: uma

introdução concisa. Trad. Lucia Rosemberg e Gustavo Barcelos. 2 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2022.

LEFEBVRE, Henri. **A linguagem e a sociedade**. Trad. José Antônio Machado. Lisboa: Editora Ulisseia, 1966.

MARK, Margaret; PEARSON, Carol S. **O Herói e o Fora-da-Lei**: como construir marcas extraordinárias usando o poder dos arquétipos. São Paulo: Cultrix, 2003.

MANUEL, Don Juan. **O conde Lunanor**. Trad. Liliana Raquel Chwat. São Paulo: Editora Escala, 2006.

NICHOLS, Sallie. **Jung e o tarô**: uma jornada arquetípica. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 2007.

OVÍDIO, Naso. A arte de amar. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2004.

PLATÃO. **A República**. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004.

PLATÃO, Savioli, Francisco. FIORIN, José Luiz. **Para entender o texto:** leitura e produção. 7 ed. São Paulo: Editora Ática, 1993.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso**. Trad. Jasna Paravich Sarhan. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

SOARES. Thiago Barbosa. **Percurso linguístico**: conceitos, críticas e apontamentos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

SOARES. Thiago Barbosa. A semiótica do herói: a conflagração do caminho ascendente de Son Goku. **Porto das Letras**, Vol. 06, Nº especial. 2020. p. 113-128. Disponível em: https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/9955. Acesso em: 18 set. 2024.

SOARES. Thiago Barbosa. A semiótica do sábio: uma análise da constituição da jornada de Piccolo em Dragon Ball Z. **Revista Multidisciplinar de Estudos Nerds/Geek**, Rio Grande, v.3, n.5, p. 23-35, jan.jun. 2021a. Disponível em: https://revistaestudosnerd.wixsite.com/estudosnerd/v-3-n-5-2021. Acesso em: 18 set. 2024.

SOARES. Thiago Barbosa. A semiótica do amigo: uma análise da composição do companheirismo de Kuririn, em Dragon Ball Z. **Revista Tabuleiro de Letras**, v. 15, n. 01, p. 29-43, jan./jun. 2021b. Disponível em: https://revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/10657. Acesso em: 18 set. 2024.

SOARES. Thiago Barbosa. A semiótica do inocente: funcionamento do arquétipo de Son Gohan em Dragon Ball Z. **Tabuleiro de Letras**, *[S. l.]*, v. 17, n. 1, p. 205–218, 2023. DOI: 10.35499/tl.v17i1.16562. Disponível em: https://revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/16562. Acesso em: 18 set. 2024.

STEIN, Murray. **Jung**: o mapa da alma: uma introdução. Trad. Álvaro Cabral. 5 ed. São Paulo: Cutrix, 2006.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor**: estruturas míticas para escritores. Trad. Ana Maria Machado. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

Recebido em: 07/01/2025
Aprovado em: 26/05/2025

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.